

## AÇÕES EDUCOMUNICATIVAS DE APROPRIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA, POR MEIO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Eixo 01 - Educação e Comunicação

Valéria Aparecida BARI<sup>1</sup>  
Shirley dos Santos FERREIRA<sup>2</sup>

### RESUMO

Discute como as práticas educomunicativas favorecem a mediação da leitura literária, por meio da utilização da linguagem das histórias em quadrinhos, como recurso de adaptação e clarificação de conteúdos complexos. Para verificação dessa premissa, foi elaborada atividade de *Roda de Leitura* com a adaptação em quadrinhos do poema épico de Gonçalves Dias, *I-Juca Pirama*. A partir da adaptação para a linguagem dos quadrinhos, de autoria de Silvino, mais elementos foram acrescentados à narrativa, uma vez que os efeitos poéticos e a linguagem rebuscada se hibridizam com imagens que aprofundam a ação e a afetividade. Por meio de uma vivência desenvolvida em celebração ao Dia do Índio, no *Museu Histórico de Sergipe* (MHSE), foram elaboradas análises sobre a apropriação de diferentes segmentos da população, com identidades sociais assumidas como indígenas e descendentes e população mestiça branco/parda aculturada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educomunicação; Adaptação Literária; Histórias em Quadrinhos.

### ABSTRACT

This paper discusses the educommunication practices for the mediation of literary reading, using the language of comics, such as adaptive resource and clarification of complex content. To verify this premise, it was “Reading Circle” wheel activity with comic adaptation of the Gonçalves Dias’s epic poem, *I-Juca Pirama*. From the adaptation to the language of comics, Silvino’s authored, more elements were added to the narrative, since the poetic effects and flowery language hybridize with images that further action and affectivity. Through an experience developed in celebration of *Native Peoples’ Day* in *Sergipe History Museum* (MHSE), analyses were prepared on the appropriation of different segments of the population with social identities assumed to be natives and descendants, and white mestizo acculturated population.

**KEYWORDS:** Educommunication; Literary Adaptation; Comics

<sup>1</sup> Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo (USP); Líder do PLENA – Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa; Docente da Universidade Federal de Sergipe (UFS); e-mail: valbari@gmail.com

<sup>2</sup> Bacharel em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); Pesquisadora do PLENA – Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa; e-mail: shirleybiblio@yahoo.com.br.

## 1 Introdução

A proposta deste trabalho é a de discutir a prática educomunicativa do uso da linguagem e mídia das histórias em quadrinhos, como recurso de adaptação de obras literárias e mediação da leitura literária. Em especial, conteúdos de interesse social e polêmicos podem ser transversalizados, por meio da linguagem das histórias em quadrinhos, no contexto da leitura escolar. Na experiência descrita nesse artigo, trataremos da questão da diversidade étnica na escola como questão de leitura crítica e ativa da obra literária adaptada.

A adoção da linguagem dos quadrinhos como modo de adaptação de obras literárias, sejam elas originalmente produzidas em poesia ou prosa, têm sido largamente empregado na editoração brasileira desde o final do século XIX. Por meio dessas adaptações, os bibliotecários, professores, tradutores de LIBRAS, contadores de histórias e outros agentes da disseminação de hábitos e gostos leitores podem chegar a resultados muito melhores, utilizando a atratividade da linguagem dos quadrinhos como recurso de mediação de leitura literária.

Segundo Teresa Colomer:

Os recursos não verbais tem sido um dos motores de mudança da literatura infantil moderna. A utilização da imagem foi especialmente rentável para abrir caminhos à introdução de técnicas narrativas difíceis de incluir em textos que necessariamente tinham que manter uma certa simplicidade se quisessem se adequar aos pressupostos de acessibilidade compreensiva que presidem esta literatura (COLOMER, 2003, p.316).

Porém, ainda existe receio e resistência de muitos educadores e mediadores de leitura em lançar mão das adaptações em quadrinhos de nossa literatura. A superação dessa situação prescinde de estudo e familiarização dos professores com a linguagem, conteúdo e aplicações das histórias em quadrinhos nas práticas pedagógicas. Segundo os docente e pesquisadores Lucas Pimenta e Sávio Queiroz Lima:

As histórias em quadrinhos já são instrumentos comumente usados em sala de aula, depois de longas e custosas querelas que pesquisadores empreenderam a partir da segunda metade do século XX. Através de uma História de acusações e perseguições de diversas naturezas, eis que o meio de comunicação que chamamos histórias em quadrinhos pôde desfrutar de proveitosa atenção dos meios acadêmicos e mesmo

de branda respeitabilidade da sociedade na relação pedagógica (PIMENTA; LIMA, 2015, p.161).

A leitura das histórias em quadrinhos em geral habilita a mente para contextos de leitura escolar e social, ainda acrescentando um exercício de interpretação iconográfica imprescindível na atualidade, sob o advento das novas tecnologias e a convergência das linguagens para os suportes digitais, com a hibridização de letras, ícones, desenhos, imagens, sons, num ambiente cognitivo complexo (BARI, 2008, *passim*).

A formação do leitor, ou seja, seu letramento, só chega ao seu amadurecimento pleno se o indivíduo gostar de ler, ou seja, o vínculo emocional é um elemento imprescindível na proficiência de leitura. As histórias em quadrinhos, além da facilidade da veiculação de conteúdos complexos aos leitores novatos, amadurecem também a relação emocional entre o leitor e a sua leitura. Essa relação emocional tem teor eclético, ou seja, cria leitores que apreciam todos os tipos de leitura, da mais popular a mais erudita (BARI, 2008, p. 183-191).

O seu potencial informacional também está à disposição da escolarização, como no caso da didática da Literatura, e ainda não foi explorado o seu limite na formação de uma postura proativa do estudante na busca do conhecimento, pois as histórias em quadrinhos propiciam a possibilidade de conjugação de fontes, capacidade de síntese e formação de discurso próprio, inerente sinal da apropriação e ressignificação de informações e conhecimentos.

## **2 Práticas Educomunicativas na Formação de Leitores**

A obra literária, como a conhecemos na atualidade, é o resultado de uma aplicação de conhecimentos sociais e tecnologias da comunicação, para a criação e disseminação social da leitura, com quesitos de portabilidade, usabilidade, legitimidade e até mesmo afetividade. Então, publicar significa comunicar, e a forma de apropriação da leitura literária da atualidade possui características de uma mídia massiva, voltada para o consumo a apropriação e a convergência para várias manifestações, como os filmes, música, jogos e, claro, as histórias em quadrinhos. A presença desse “objeto”, o

livro, que é um bem cultural apreciado por muitas pessoas, também serve de indicador do avanço da civilização. Para o pesquisador Norbert Elias:

O aumento da demanda de livros numa sociedade constitui bom sinal de um avanço pronunciado no processo civilizador, porque sempre são consideráveis a transformação e a regulação das paixões, necessária tanto para escrevê-los quanto para lê-los (ELIAS, 1993, p.229).

Mas, é claro que o nosso querido livro, seja ele o tradicional bloco de papel encadernado, seja ele um moderno arquivo digital, ainda representa um bem cultural de grande apreço para os leitores experientes e os profissionais envolvidos com a formação social de leitores. Para o livro, ainda podemos criar um grande interesse, uma vez que os leitores novatos vençam as primeiras apropriações de leitura, propiciadas pelas adaptações literárias. Segundo Paula Mastroberti:

Longe de se constituir uma traição às origens, reescrituras, filmagens, jogos, quadrinhos, ilustrações - entre outros produtos da cultura plurimidiática - são versões em que a predominância do caráter recreativo devem torná-las reconhecidas por aquilo que são: pós-produções inter ou intrasemióticas que atualizam um original, reinventando-o para a contemporaneidade; ao fazê-lo, instigam e seduzem o leitor por si mesmas, sem deixar de excitar a curiosidade sobre a obra que lhes é anterior. Pela liberdade com que lidam com os dados significativos e estéticos já existentes, satisfazem à leitura e emancipam a subjetividade leitora para o narrativo-literário e não através dele (MASTROBERTI, 2011, p. 110).

Na transição para o novo milênio, frente às vivências diferenciadas pelo mundo globalizado, a escola pode recuperar a sua função social, constituindo-se novamente no espaço e tempo de aprendizagem essencial para a constituição do indivíduo enquanto sujeito e cidadão, através da incorporação de uma *alfabetização múltipla* (VALDERRAMA, 2000, p. 124-125).

Para Jesus Martin Barbero, o estudante deve ser considerado como produtor de sentidos e consumidor dos bens culturais oferecidos ou mesmo “*buscados*”, no ambiente escolar e fora dele. Para Barbero, que pesquisou ativamente em ambiente escolares na América Latina, Caribe e Península Ibérica, nos últimos trinta anos, a posição do estudante como produtor de conhecimentos não corresponde ao ambiente escolar atual, que não se preocupa claramente com a individualidade do aluno na sociedade, seus valores, gostos ou prazeres.

Em sua teorização, Barbero afirma que a prática pedagógica permeada de processos comunicativos pode reposicionar o estudante e também os demais atores da equipe educacional e comunidade escolar. Para Barbero, a comunicação se tornou:

[...] questão de mediações mais do que de meios, questão de cultura e, portanto, não só de conhecimentos mas de re-conhecimento. Um reconhecimento que foi, de início, operação de deslocamento metodológico para rever o processo inteiro da comunicação a partir de seu outro lado, o da recepção, o das resistências que tem aí o seu lugar, o da apropriação à partir de seus usos (BARBERO, 1997, p. 16).

A formação do gosto pela leitura, principalmente para os leitores novatos, é facilitada pela criação de situações de leitura cotidiana, principalmente quando as mesmas não estão vinculadas a uma utilidade da vida, pois isto descaracteriza um momento de lazer. Ao traduzir e representar enredos literários complexos, por meio da linguagem e mídia das histórias em quadrinhos, cria-se então um bem cultural de mediação de leitura literária que supera o estranhamento e as dificuldades na apropriação dos clássicos, principalmente pelos leitores novatos em processo de escolarização.

A leitura de lazer, muito embora tenha o potencial de ser tão informativa quanto à leitura escolar e profissional, tem objetivos de fruição intelectual muito diferentes. Assim, a disponibilização da leitura de lazer ao leitor novato e facilitação de sua circulação em ambientes sociais se constitui também em disseminação de conteúdos escolares, sob um ângulo de entretenimento (BARI, 2015).

A apropriação da leitura se promove, partindo da disponibilização de bens culturais letrados, porém estabelecidos como desejáveis por habilidades, competências e desejos do leitor, como se fosse uma degustação intelectual. Em toda degustação, é preciso que uma pessoa experiente prepare a iguaria, com os ingredientes adequados, a metodologia correta e a disponibilidade necessária; o mesmo se dá com as primeiras leituras: é necessária a disponibilização, a atratividade e a qualidade, que propiciam conjuntamente a acessividade.



## **2.1 Apropriação da Leitura Literária Pelo Leitor Novato**

As teorias de Vygotsky, que originaram o paradigma Sócio-Interacionista e o conceito de mediação, influenciaram a Pedagogia, a Psicologia e a Ciência da Informação no séc. XX, assim como renovaram a Ciência da Comunicação. A partir dos anos 1980, por meio da obra de Jesus Martin Barbero (1997), todos estes campos científicos foram influenciados e se fortaleceu a discussão sobre a Educomunicação, como área interdisciplinar de pesquisa desenvolvida na América Latina.

Então, temos um quadro de interdisciplinaridade no séc. XXI que fundamenta a utilização das histórias em quadrinhos na formação de leitores ecléticos e com sucesso nos estudos. Isso tudo favorecido por publicações de qualidade e possibilidades de aplicação nas práticas pedagógicas e de formação de leitores, vencendo todo o tipo de limitações e restrições, que tem ocorrido na indústria editorial brasileira a partir do séc. XXI.

Em especial, a mediação de leitura está embasada nesses pressupostos, buscando estabelecer relações entre as pessoas e as leituras, propiciando a degustação e o desenvolvimento de gostos e hábitos leitores. Ao estado amadurecido do leitor, chamado de Letramento, se atribui a incorporação de hábitos e gosto leitores à identidade e cotidiano individual. A mediação de leitura ocorrerá onde forem reunidas três condições: ambientes sociais onde haja protagonistas mais e melhor letrados, presença e variedade de suportes de linguagem escrita e fatores emocionais que estabeleçam uma conexão entre as pessoas, formando uma situação de leitura. Assim, os espaços e as circunstâncias da leitura também compõem as suas memórias e ressignificações, tanto individuais quanto sociais, e viabilizam a apropriação.

A leitura para o estudante não pode ser um mero exercício de fixação da língua, mas tem de ser praticado também com prazer nos ambientes sociais onde convive.

Segundo Ângela Maria Barreto:

Aí se encontra, provavelmente, a explicação para o fato de que as recordações de leituras venham sempre acompanhadas de uma ambientação, na qual leitor, personagens, coisas, objetos e espaços interagem. [...] Os ambientes são orientações ao sujeito; assim as casas da infância e da juventude vêm privilegiadas como lembranças. Por isso, as histórias particulares de leituras registram-nas. [...] Os

ambientes onde a socialização, em sentido mais amplo, acontece, como escolas, casas de amigos, clubes e bibliotecas, aparecem como lembranças depois das casas familiares (BARRETO, 2007, p. 48).

A mediação da leitura das histórias em quadrinhos leva à apropriação da leitura à vivência do estudante, além de desenvolver as habilidades e competências leitoras. Também apoia a formação de leitores críticos e ativos, colocando-os inclusive em posição de debater com seus pares ou na formação do par-pedagógico, por meio da apropriação propiciada pelos seus recursos de linguagem, pois:

O que muitos pesquisadores da leitura, em âmbito mundial, discutem sob diferentes epístemes, é que o letramento escolar e o letramento social, embora situados em diferentes espaços e vivências pessoais, são partes dos mesmos processos sociais mais amplos. Por isso, as leituras de histórias em quadrinhos habilitam a mente para contextos de leitura escolar e social, ainda acrescentando um exercício de interpretação iconográfica imprescindível na atualidade, sob o advento das novas tecnologias e a convergência das linguagens para os suportes digitais, com a hibridização de letras, ícones, desenhos, imagens, sons, num ambiente cognitivo complexo (BARI, 2008, p. 111).

Apesar desta complexidade aparente, os recursos da linguagem dos quadrinhos são rapidamente decodificados por leitores pouco experientes, pois se referem a registros e símbolos perfeitamente disseminados na sociedade e anteriores ao letramento. Desta forma, a disponibilização destes recursos serve como esquematização de conteúdos da língua e potencializa a interpretação do texto pelo leitor novato, assim como prepara o seu cérebro para a compreensão de todo o tipo de leituras de matriz verbal.

Com efeito, apesar de não buscarem frequentemente a leitura, os estudantes querem ler as histórias em quadrinhos (VERGUEIRO, 2004, p. 21). E quando se unem o desejo, a necessidade e a vontade, pode-se realmente trabalhar em um patamar diferenciado a proposta da leitura e a sua mediação, em diferentes ambientes sociais. Tudo isso vai compor uma motivação intrínseca ao leitor novato, que o ajudará a superar as dificuldades iniciais da leitura mediada e poderá garantir momentos de lazer e aprendizagem.

### 3 A Roda de Leitura Com o Poema Épico *I-Juca Pirama*<sup>3</sup>

A Roda de Leitura denominada *Índio Cidadão 2016: Homenagem aos Nossos Ancestrais*, já foi projetada para quebrar a lógica eurocêntrica que identifica as populações nativas brasileiras como “o outro”, o grupo étnico estranho do qual a comunidade escolar não faz parte (Imagem 1). Esta atividade, promovida no dia 19 de abril de 2016 pelo *PLENA: Grupo de Pesquisa em Leitura, Escrita e Narrativa*, permitiu utilizar uma prática educomunicativa para mediar a leitura literária de um dos mais significativos poemas épicos da literatura brasileira, *I-Juca Pirama* de Gonçalves Dias, discutindo criticamente a questão da etnia na escola como conteúdo transversal.



**Imagem 01:** Abertura da Roda de Leitura Índio Cidadão 2016

**Fonte:** Registro Fotográfico de Shirley Dos Santos Ferreira, no Museu Histórico de Sergipe (MHSE), em 19/04/2016.

O primeiro estranhamento se deu, pelo fato de o índio não ser tratado em nenhum momento da fala como um grupo étnico extinto, desligado, fora da dinâmica da

<sup>3</sup> Agradecemos a viabilização da prática social registrada nesta comunicação científica à oportunidade oferecida pela equipe do Museu Histórico de Sergipe (MHSE), na figura de seu Curador e Gestor, Sr. Sergio Lacerda, da Pedagoga Denize Santiago e na Museóloga Rosângela dos Santos Reis. Devido ao trabalho destes e outros profissionais abnegados, foi possível a participação no evento comemorativo ao *Dia do Índio* e a dinamização da prática educomunicativa para cerca de oitenta pessoas, entre estudantes e professores da rede escolar pública do município de São Cristóvão.



cultura escolar e literária. Identificando o “Poeta do Brasil” Gonçalves Dias como descendente de indígenas, assim como os pesquisadores do PLENA, o quadrinhista pernambucano Laerte Silvino e os protagonistas da obra *I-Juca Pirama* como indígenas ou descendentes, inverteu-se a lógica eurocêntrica.

A partir daquele momento, alunos e professores envolvidos buscaram em seu rosto, cabelos e tom de pele os sinais que poderiam caracterizar o parentesco, foram explicitadas também lembranças de avós e bisavós incluídas nas famílias “à laço” [sic].

Por meio da organização desta uma prática leitora coletiva, seguida de problematização da questão indígena na época da colonização brasileira e seus reflexos na atualidade, desenvolveram-se as ações educomunicativas de: leitura crítica, analogia entre o conteúdo real, escolar e comunicacional; ressignificação da mensagem e apropriação pela comunidade escolar presente, segundo marcadores sociais locais. As práticas educomunicativas descritas se referem, segundo Bari:

A mais antiga das áreas de intervenção social que caracterizam o campo da Educomunicação, denominada atualmente como “educação para a comunicação”, é constituída pela reflexão em torno dos impactos e influências dos processos e meios de comunicação na construção das representações sociais, na relação entre a produção e recepção dos bens culturais midiáticos, problematicamente inseridos nos processos educativos (BARI, 2002, p.35).

Sob o aspecto da função social, a vertente educomunicativa da educação para a comunicação “mais do que um conteúdo escolar, converte-se na atualidade em efetiva ação política” (BARI, 2002, p. 40). A observação desta conversão pode ser registrada durante a aplicação da prática observada, pois a mera leitura de um texto literário com aplicação de práticas educomunicativas resgatou subjetividade e alteridade de sujeitos sociais que permanecem vivos e influentes na cultura brasileira, neste caso segmentados na comunidade indígena do passado, do presente e também em seus descendentes aculturados. Segundo Marilena Chauí:

Conservando as marcas da sociedade colonial escravista, ou aquilo que alguns estudiosos designam como “cultura senhorial”, a sociedade brasileira é marcada pela estrutura hierárquica do espaço social, que determina a forma de uma sociedade fortemente verticalizada em todos os seus aspectos: nela, as relações sociais e intersubjectivas são sempre realizadas como relação entre um superior, que manda, e um inferior, que obedece. O outro jamais é reconhecido como sujeito nem como sujeito de direitos, jamais é reconhecido como subjetividade,

nem como alteridade (CHAUI, 2000, p. 89).

Esta experiência de formação cultural multiétnica dos estudantes e reconhecimento da presença de diferentes etnias na população local e nacional, contribui para a inserção de conteúdos referentes à cultura indígena e afro-brasileira, evidenciados por meio dos movimentos sociais organizados e protagonizados por estes segmentos da população. Sistematizados academicamente e inseridos no contexto educativo para dar voz e valor aos diferentes protagonistas e conteúdos componentes da cultura brasileira, os conteúdos multiétnicos foram garantidos como direitos da comunidade estudantil, nos princípios exarados pela Constituição de 1988, posteriormente regulamentados pelo Direito Constitucional e regulamentados na Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Três emendas modificaram o documento original da LDB, para tornar mais clara a exposição de conteúdos multiétnicos na escolarização:

- A primeira foi em 2001, quando foi sancionada a primeira lei do Plano Nacional de Educação (PNE);
- Em 2003, quando foi incluída a obrigatoriedade do conteúdo de história e cultura Afro-Brasileira;
- Em 2010, que tornou o ensino de arte e suas expressões regionais obrigatório na grade escolar.

Etnia, termo derivado do grego *ethnis*, significa povo. Esse termo se refere a um grupo de pessoas que apresenta vários elementos em comum, tais como a cultura, língua, história, valores, semelhanças físicas, entre outros. No planeta há uma grande diversidade étnica, sobretudo no continente africano, que abriga mais de mil grupos distintos, que possuem manifestações culturais próprias, religiões, línguas etc.

Várias etnias compuseram a população brasileira típica, desde a sua colonização. Ou seja, brancos, negros e indígenas coexistem e a sociedade brasileira, apesar das cargas de preconceito e do discurso eurocêntrico, tolerou ou aceitou a miscigenação. A questão étnica passou a representar uma nova problematização no Brasil, à medida que as políticas compensatórias foram implantadas no final do séc. XX. Então, negar a sua ancestralidade para a sociedade demonstrou ser desvantajoso, principalmente para desfrutar diversos direitos e conquistas advindas das práticas

políticas compensatórias.

Então, a nossa discussão também buscou brevemente distinguir a questão de etnia da relação de “comunidade étnica”, que é um grupo social distinto por cultura própria, assim como por língua ou vocabulário próprio. Normalmente, existem informações relevantes embutidas neste diferencial, que podem ser explicitadas pelo acompanhamento do cotidiano, relações produtivas, culinária, cerimônias e rituais.



**Imagem 02:** Desenvolvimento da Roda de Leitura Índio Cidadão 2016

**Fonte:** Registros Fotográficos de Shirley Dos Santos Ferreira, no Museu Histórico de Sergipe (MHSE), em 19/04/2016.

Em especial, durante a apresentação da Roda de Leitura, duas comunidades étnicas foram apresentadas para os estudantes:

- Aimoré: grupo não-tupi, também chamado de botocudo, vivia do sul da Bahia ao norte do Espírito Santo. Grandes corredores e guerreiros temíveis, foram os responsáveis pelo fracasso das capitâneas de Ilhéus, Porto Seguro e Espírito Santo. Só foram vencidos no início do Século XX. O personagem Peri, de José de Alencar, é um herói literário Aimoré.



- Tupi: as tribos que falam essa língua, mas se dividem politicamente no país, são os Tamoio, Guarani, Caiçara, Tupiniquim, Tabajara, Timbira, cujas tribos se localizam na parte litorânea do Brasil, foram eles os primeiros a terem contato com os portugueses. Praticam a caça, da coleta de frutos e eram ótimos pescadores.



**Imagem 03:** Vinhetas ajudando a distinguir entre tempo real, tempo psicológico e narrativa, na adaptação em quadrinhos da obra *I-Juca Pirama* por Silvino.

**Fonte:** *I-Juca Pirama em Quadrinhos* (SILVINO, 2012, p. 16, 17, 33)

Questionados sobre as comunidades étnicas indígenas locais de São Cristóvão, os estudantes identificaram imediatamente a tribo Chocó, que pertence ao grupo Tupi. Então, mais um conceito importante sobre etnia foi clarificado. Na escola, etnias diferentes terão de conviver sob condições padronizadas e aprender conteúdos curriculares parametrizados, mas isso não deve apagar a aprendizagem e a sequência da cultura local. A etnia deve significar um componente da personalidade e da identidade, não necessariamente o pertencimento à uma comunidade étnica.

Por meio do escaneamento das vinhetas da adaptação em quadrinhos de *I Juca Pirama*, acompanhada de leitura dramática do poema, foi possível para os alunos



presentes acompanharem o desenrolar do enredo, que é muito emocionante (Imagem 2). Como se traduz o próprio título, *I-Juca Pirama* significa “aquele que vai morrer”, os estudantes já sabiam sobre o que ocorreria ao protagonista. Então, outro questionamento também transversalizou a assistência, sobre a questão da morte. Como apresentada no poema, a morte é trágica, mas existe uma lógica e uma redenção que tornaram a sua presença aceitável para os estudantes.

Outra importante propriedade é a das vinhetas, que se constituem como recurso de passagem do tempo natural e psicológico, que muitas vezes não é claramente percebido pelo leitor novato na interpretação de um texto, seja ele literário ou didático. Por meio da adaptação à linguagem dos quadrinhos competente, é possível criar a sensação do passar do tempo, desenvolvendo no cérebro do leitor propriedades que o auxiliarão em todo o tipo de leituras posteriores.

Assim, além da mediação dos conteúdos da leitura literária, uma adaptação em quadrinhos bem elaborada pode aprimorar o próprio ato de ler. Desta forma, o ritmo da narrativa passa a ser impresso pelas vinhetas, que mostram o curso dos acontecimentos de uma forma mais natural, ajudando o leitor a compreender o desenrolar da ação, criando mais uma camada de informação que aprofunda a semantização do texto original (Imagem 3). Esta propriedade é visível e torna muito mais emocionante a leitura de *I-Juca Pirama*, na adaptação de Silvino (2012).

Ao final de uma tarde muito divertida, que contou com outras leituras e discussões, os estudantes tiveram a oportunidade de participar de uma prática educacional, distinta das comemorações nas quais a identidade indígena é apagada de nosso processo civilizatório e transformada numa mera “fantasia”, que lhe tira o protagonismo e transforma numa figura estilizada, alheia à grande e significativa contribuição cultural que ainda está integrando a cultura brasileira.

## Considerações Finais

Por meio das constatações e considerações expostas, verificamos que a adaptação em quadrinhos representa um importante recurso de mediação de leitura literária para os leitores novatos, com o potencial de superar dialogicamente a barreira

linguística que separa a comunidade escolar do capital intelectual registrado nos chamados “Clássicos da Literatura”.

Ao mediar a leitura literária por meio da prática educomunicativa, utilizando-se do recurso da adaptação da obra literária em quadrinhos, abrimos oportunidades para o aumento do repertório linguístico e da erudição dos alunos, em suas diversas faixas etárias. Contudo, também estamos oportunizando a própria expressão da produção intelectual dos mesmos, uma vez que a leitura e a apropriação do texto abre o diálogo entre os seus autores e este leitor específico, numa via de mão dupla. Assim, a contribuição da comunidade estudantil à produção intelectual e técnico-científica poderá ser cada vez mais significativa, adicionando diversidade aos pontos de vista da produção e difusão social de conhecimento.

A prática educomunicativa também abre oportunidades para a discussão de conteúdos transversais importantes para a escolarização, colocando-os de modo panorâmico e atualizado em relação aos conteúdos vinculados à vida em sociedade no Brasil.

## Referências

BARBERO, Jesus Martin. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1997.

BARI, Valéria Aparecida ; VERGUEIRO, Waldomiro. Emoção E Rebeldia: Formação de Gibitecas na Biblioteca Escolar. XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação: Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social. CBBD 2011. **Anais eletrônicos ...** Maceió: UFAL, 2011. Disponível em: <<http://febab.org.br/congressos/index.php/cbbd/xxiv/paper/view/552/689>> Acesso em 05/06/2016.

BARI, Valéria Aparecida. História em quadrinhos e leitura: desafios colocados aos educadores. In: SANTOS NETO, Elydio dos ; SILVA, Marta Regina Paulo da (org). **Histórias em Quadrinhos e práticas educativas: os gibis estão na escola, e agora?** São Paulo: Criativo, 2015.

BARI, Valéria Aparecida. **Por uma epistemologia do campo da Educomunicação: a inter-relação Comunicação e Educação pesquisada nos textos geradores do “I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação”**. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Comunicação). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo – ECA/USP, 2002.

BARI, Valéria Aparecida. **O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores.** (Tese de Doutorado em Ciência da Informação). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo – ECA/USP, 2008.

BARI, Valéria Aparecida. A quadrinhização como recurso de mediação da leitura literária do surdo. In: MODENESI, Thiago Vasconcellos ; BRAGA Júnior, Amaro Xavier. **Quadrinhos e Educação: procedimentos didáticos.** Jaboatão dos Guararapes: SOSEC, 2015. p. 125-143. (Quadrinhos e Educação, v.2)

BARRETO, Ângela Maria. Os espaços da leitura. **Revista Comunicação e Educação.** São Paulo: Paulinas, n. XII, v.1, p. 41-53, jan-abr 2007.

BRASIL, Congresso Nacional. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996). Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 1997.

CHAUI, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

COLOMER, Teresa. **A formação do Leitor Literário: narrativa infantil e juvenil atual.** São Paulo: Global, 2003.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes.** Vol.1. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

MASTROBERTI, Paula. Adaptação, versão ou criação? Mediações de leitura literária para jovens e crianças. In: **Revista Semioses.** Rio de Janeiro: Centro Universitário Augusto Mota (UNISUAM), vol. 01. Número 08, fev. de 2011. p.104-112.

PIMENTA, Lucas ; LIMA, Sávio Queiroz. Um índio na imensidão faraônica: o olhar educacional do quadrinho Tiki sobre a Rodovia Transamazônica. In: MODENESI, Thiago Vasconcellos ; BRAGA Júnior, Amaro Xavier. **Quadrinhos e Educação: relatos de experiências e análises de publicações.** Jaboatão dos Guararapes: SOSEC, 2015. p. 161-167. (Quadrinhos e Educação, v.1)

SANTOS Neto, Elydio dos (org.) ; SILVA, Marta Regina Paulo da. **Histórias em quadrinhos e educação: formação e prática docente.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista, 2011.

SILVINO, Laerte. **I-Juca Pirama em quadrinhos.** São Paulo: Peirópolis, 2012. (Clássicos em HQ)

SOARES, Magda. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina ; SILVA, Ezequiel Theodoro da (orgs.) **Leitura: perspectivas interdisciplinares.** São Paulo: Ática, 1991. Pág.: 18-29. (Série Fundamentos, 42)

VALDERRAMA, Carlos Eduardo. **Comunicación-Educación: coordenadas, abordajes y travesías.** Bogotá: Siglo del Hombre/DIUC, 2000.